

Pessoa, romancista em suspenso

Flávio Rodrigo Penteado*

PESSOA, Fernando (2017). *A Porta e outras ficções*. Edição e tradução de Ana Maria Freitas. Lisboa: Assírio & Alvim, 288 pp.

Dentre as sucessivas novas edições da obra pessoana que têm chegado às prateleiras nos últimos anos, receberam especial acolhida do público duas coletâneas organizadas por Ana Maria Freitas sob a chancela da Assírio & Alvim, no âmbito da coleção “Obras de Fernando Pessoa”: *O Mendigo e outros contos* (2012) e *A Estrada do Esquecimento e outros contos* (2015).¹ O interesse dos leitores por elas se deve, sem dúvida, ao fato de revelarem uma faceta até então ainda pouco conhecida do criador dos heterônimos: a do ficcionista que extrapola o domínio das narrativas de sabor policialesco, as quais notoriamente fascinavam o autor e cuja compreensão, aliás, já vinha sendo ampliada pela mesma investigadora, seja na tese de doutoramento que consagrou ao assunto, *O Fio e o Labirinto – a ficção policial de Fernando Pessoa* (2016), seja no preparo de edições da natureza de *Quaresma, Decifrador* (2008). A tais trabalhos, soma-se agora o recém-lançado título de que nos ocuparemos aqui, produto de uma nova incursão da estudiosa na esfera da ficção pessoana.

Nas duas compilações anteriores, predominavam narrativas quase sempre inéditas e de menor extensão. Semelhante característica não se deve apenas ao estado fragmentário em que se encontravam – o que por vezes obrigou a organizadora a propor soluções de reconstituição textual que tornassem os contos efetivamente legíveis –, mas corresponde, também, à predileção de Pessoa por formas breves, de que dão testemunho passagens do *Livro do Desassossego* como a que segue: “Nenhum drama de Shakespeare satisfaz como uma lírica de Heine. É perfeita a lírica de Heine, e todo o drama – de um Shakespeare ou de outro, é imperfeito sempre” (PESSOA, 2014: 125). Observa-se, aqui, a renúncia ao modelo aristotélico de perfeição, fundamentado na proporcionalidade e no encadeamento lógico entre os diversos componentes da obra, à semelhança de um organismo vivo, uno e congruente; bem ao contrário, o narrador favorece um ideal de plenitude que, para garantir a grandeza ambicionada pelo artista, implica a preferência por pequenas proporções, menos vulneráveis aos sinais de imperfeição.

* Universidade de São Paulo (USP), bolsista de doutorado da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

¹ Ambas resenhadas por Jorge Uribe em *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 9, Primavera, 2016.

Sob tais aspectos, a mais recente seleta preparada por Freitas não deixa de nos surpreender: se, somadas, as duas edições precedentes apresentavam cerca de trinta narrativas, o número agora se restringe a nove²; se antes prevaleciam textos não divulgados até à data, pouco mais da metade das composições ora coligidas já são conhecidas pelo leitor mais familiarizado com a obra de Pessoa, a exemplo de “A Very Original Dinner” e “A Hora do Diabo” – tendo sido todas, naturalmente, objeto de novas leituras ou mesmo organização³; por último, mas não menos importante, deve-se ressaltar o fato de neste momento se exhibir um conjunto de textos com dimensões mais largas, dos quais dois logo saltam à vista, “Marcos Alves” e “Reacção” (este inédito), na medida em que representam investidas (porventura únicas) do autor no espaço do romance, modalidade literária que a certa altura chegou a qualificar como um “gênero secundário”.⁴

Em sua sucinta “Nota Introdutória”, Freitas esclarece tratar-se, em ambos os casos, de experiências datáveis de 1909 e que remontam, deste modo, tanto ao início da vida criativa de Pessoa, no contexto de fundação da Empresa Íbis, quanto ao período final da monarquia em Portugal. A situação política conturbada do país à época e o anseio de nela intervir assumido pelo jovem escritor são elementos que a pesquisadora considera decisivos para a gênese desse par de romances, sobretudo “Reacção”, uma vez que este tematiza eventos vinculados àquela conjuntura sócio-política. Conforme ela argumenta, decresce o impulso criativo do romancista tão logo é proclamada a República no ano seguinte, de modo que, ao contrário do que viria a suceder com diversos projetos do autor, em maior ou menor grau perpetuados por décadas, tal romance é definitivamente posto à parte por ele.

Nas listas e projetos recentemente compilados em *O Planeamento Editorial de Fernando Pessoa* (Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2016), abrangendo o intervalo de 1913 a 1935, é possível verificar a pertinência da tese sustentada por Freitas: não há nenhuma referência a “Reacção” e apenas duas a “Marcos Alves”, em documentos datáveis de 1914 e 1920. Ainda de acordo com a estudiosa, se os dois romances se distinguem entre si quanto à natureza – o primeiro é marcado pelo ímpeto intervencionista e o segundo propõe-se à sondagem interior –, ambos se

² São elas: “A Porta [The Door]”; “Um Jantar Muito Original [A Very Original Dinner]”; “Czaresko”; “Os Olhos ou o Teatro Ximéra [The eyes or Le Théâtre Ximéra]”; “Reacção”; “Marcos Alves”; “A Tortura pela Escuridão”; “O Livro do Rei Igorab”; “A Hora do Diabo”. O volume inclui a versão original em inglês dos textos assim redigidos por Pessoa, traduzidos para português por Freitas.

³ Registram-se, na sequência, os dados referentes à primeira publicação, no todo ou em parte, dos seguintes textos: “The Door” (PESSOA, 1988; PESSOA, 2006); “A Very Original Dinner” (PESSOA, 1988); “Czaresko” (PESSOA, 1986); “Marcos Alves” (PESSOA, 2006); “A Hora do Diabo” (PESSOA, 1997).

⁴ Em fevereiro do ano corrente, a organizadora do volume já havia chamado a atenção para este par de textos, analisando-lhes alguns aspectos em comunicação proferida na Fundação Calouste Gulbenkian, recentemente divulgada online; cf. FREITAS, 2017.

inserir perfeitamente na linha evolutiva da obra pessoana: um se associa a textos de caráter panfletário da espécie de “Aviso por Causa da Moral” e “Sobre um Manifesto de Estudantes”, bem como anuncia, em alguma medida, a personagem-título de “O Banqueiro Anarquista”, ao passo que no outro ecoam as meditações existenciais de relatos como “A Carta da Corcunda ao Serralheiro” e “Uma Carta da Argentina” (esta recolhida em *A estrada do esquecimento e outros contos*), *A Educação do Estoico* (no qual igualmente comparece a temática do suicídio; cf. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007) ou mesmo do *Livro do Desassossego*.

Embora a presente coletânea já se justificasse por si mesma, em vista da lacuna editorial relativa ao Pessoa ficcionista, a interlocução que ela possibilita com outras criações do autor constitui, por certo, um dos atrativos do volume. No conto que ganha destaque no título da publicação, por exemplo, originalmente redigido em inglês, exploram-se os tópicos da loucura e da fluidez entre sonho e realidade, recorrentes no universo pessoano; o relato também reverbera, no entanto, textos evocados com menos frequência: “Uma batalha, um jantar, um olhar, um beijo — cada uma d’estas cousas, porque é uma cousa é um ente, uma pessoa, de certa maneira de carne e osso”, lê-se no apontamento intitulado “Occult or a Static Drama” [Ocultismo ou um drama estático] (cf. PESSOA, 2017: 278-279); já em “A Porta”, o narrador, obcecado pelo objeto em questão, sentencia: “Profunda e irracionalmente, considerava a porta uma pessoa”. Da mesma forma, a própria organização do volume proporciona diálogos que seriam pouco evidentes em outro contexto: quando a figura central de “A Hora do Diabo” informa a sua interlocutora ser chamada de “Reacção” pelos “livres pensadores”, é difícil não vincular tal passagem ao romance mencionado anteriormente.

Dentre os contos inéditos, “Os Olhos ou o Teatro Ximéra” (composto em inglês por Pessoa) e a “A Tortura pela Escuridão” recuperam a atmosfera de horror e de especulação filosófica já presente nas coletâneas anteriores, cabendo destacar, por esse motivo, “O Livro do Rei Igorab”, o qual toma a forma do livro sagrado redigido pela personagem do título. Ainda em termos formais, não é possível ignorar a presença, no inacabado romance “Reacção”, de um extenso bloco textual que se configura como autêntico diálogo dramático (didascálias inclusas), o que tanto pode apontar para a tendência de Pessoa em desestabilizar fronteiras entre os gêneros literários – hipótese aventada por Freitas na comunicação já mencionada –, como para a possibilidade de o autor desdobrar o motivo do texto em obra dramática autônoma, modalidade igualmente exercitada por ele durante toda a vida.

É inequívoca, portanto, a importância desta nova edição de ficções de Fernando Pessoa. Por isso mesmo, é oportuno salientar a reincidência de problemas de revisão nas versões em português que acompanham os originais em inglês, cujo texto foi impecavelmente estabelecido. Se há casos em que os lapsos podem ser solucionados sem dificuldade pelo leitor (como nas páginas 21, 27 e 31),

há outros em que teria sido bem-vinda a revisão por um profissional especificamente contratado para tal fim – incumbência da Assírio & Alvim, e não da organizadora do volume, claro está), a exemplo do que se verifica no último parágrafo da página 59, em que o texto traduzido soa truncado em comparação ao original. Semelhantes deslizes, no entanto, em nada diminuem o valor deste volume, que desde já se afirma como uma relevante contribuição para ampliar a compreensão da obra pessoana.

Bibliografia

- FREITAS, Ana Maria (2017). “Matar o Rei – Reacção ou Revolução”, in *Congresso Internacional Fernando Pessoa* [9, 10, 11 de Fevereiro]. Anais eletrônicos. Lisboa: Casa Fernando Pessoa, pp. 56-67. Consultado em 15 de nov. de 2017. Disponível em: http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/fileadmin/CASA_FERNANDO_PESSOA/CFP_ACTAS_2017.pdf.
- _____. (2016). *O Fio e o Labirinto: a ficção policial de Fernando Pessoa*. Lisboa: Edições Colibri.
- PESSOA, Fernando (2017). *Teatro Estático*. Edição de Filipa de Freitas e Patricio Ferrari; colaboração de Claudia J. Fischer. Lisboa: Tinta-da-china.
- _____. (2015). *A Estrada do Esquecimento e outros contos*. Edição e tradução de Ana Maria Freitas. Lisboa: Assírio & Alvim.
- _____. (2014). *Livro do Desassossego*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Tinta-da-china.
- _____. (2012). *O Mendigo e outros contos*. Edição de Ana Maria Freitas. Lisboa: Assírio & Alvim.
- _____. (2008a). *Quaresma, Decifrador: as novelas policiárias*. Edição de Ana Maria Freitas. Lisboa: Assírio & Alvim.
- _____. (2008b). *A Educação do Stoico*. Edição Crítica de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- _____. (2006). *Escritos sobre Génio e Loucura*. Edição crítica de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- _____. (1997). *A Hora do Diabo*. Edição de Teresa Rita Lopes. Lisboa: Assírio & Alvim.
- _____. (1988). *Um Jantar Muito Original seguido de A Porta*. Edição e tradução de Maria Leonor Machado de Souza. Lisboa: Relógio D'Água.
- _____. (1986). *Obra Poética e em Prosa*. Organização de António Quadros; tradução de Maria Leonor Machado de Souza. Porto: Lello & Irmão Editores.
- SEPÚLVEDA, Pedro & URIBE, Jorge (2016). *O Planeamento Editorial de Fernando Pessoa*. Colaboração de Pablo Javier Pérez López. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.